



## **Jardinalidades: potencialidades do jardim como linguagem nas artes visuais**

Gabriela Leirias[1]

**RESUMO:** O ensaio apresenta as ações do projeto Jardinalidades, uma plataforma de pesquisa e produção voltada para as poéticas contemporâneas, ações artísticas e ativistas que se debruçam sobre as complexas relações entre natureza e cidade. Investiga noções de jardim que a arte contemporânea pratica, atuando em um campo de experimentação que discute território, política, natureza e afetividades. Possui diferentes frentes e formatos de atuação; aqui, destaca-se a exposição Jardinalidades: poéticas sobre natureza, corpo e cidade, com produções artísticas que elaboram poéticas e políticas com espécies vegetais em diálogo com os lugares e as territorialidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jardinalidades. Arte contemporânea. Natureza. Terra. Territorialidades. Poéticas contemporâneas.

---

## **Jardinalidades: potential of the garden as a language in the visual arts**

### **ABSTRACT:**

The essay presents the actions of the Jardinalidades project, a research and production platform focused on contemporary poetics, artistic and activist actions that focus on the complex relationships between nature and the city. It investigates notions of garden that contemporary art practices, acting in a field of experimentation that discusses territory, politics, nature, affections. It has different fronts and formats of action, highlighted here is the exhibition "Jardinalidades: poetics about nature, body and city", with artistic productions that elaborate poetics and policies with plant species in dialogue with places and territorialities.

**KEYWORDS:** Jardinalidades. Contemporary art. Nature. Earth. Territoriality. Contemporary poetics.



## Jardinalidades: potencialidades do jardim como linguagem nas artes visuais

Jardinalidades é uma plataforma de pesquisa e de produção que discute arte contemporânea, natureza, terra e território. Contempla noções de jardinagem, cultivos, ações e interações com espécies de vegetais das quais podem decorrer práticas simbólicas, bem como a criação de territorialidades e o potencial de intervenção nas dinâmicas urbanas. Investiga uma noção ampliada e problematizada de jardim para além de espaços cerceados de cultivo e de controle, como um campo de relações do corpo com a terra, como modos de sociabilidade e de territorialidade.

Constitui um campo de pesquisa em que cartografias moventes[2] orientam os percursos. São diferentes instâncias de pesquisa e curadoria experimentadas: mapeamentos, publicações, projetos de arte, intervenções no espaço urbano, laboratórios, exposição. Apresenta, portanto, experimentações que discutem cultivos, urbanismo, geografia, ecologia, antropologia, política e pedagogia com uma diversidade de linguagens e suportes, a partir da interação com espécies de vegetais.

Em 2016, participamos de uma edição da **Revista ClimaCom**[3], trazendo o percurso de então, cuja trajetória, iniciada em 2014 em Curitiba[4], espreada-se pela cidade de São Paulo com ações no espaço público, encontros e laboratórios. Realizamos, na época, um mapeamento de projetos de arte e ativismo no Brasil[5], investigando a jardinagem como linguagem nas artes visuais e indagando: quais são as possibilidades e potencialidades do uso de plantas nas artes? O que pode um jardim? A partir das práticas e táticas artísticas, investigamos uma noção de jardim que procura se despir de uma herança europeia e colonial imposta às paisagens com racionalidade, hierarquia e, sobretudo, controle das espécies. Tal manejo, aplicado ao espaço urbano para fins de embelezamento, domestica as espécies, pode excluir as plantas nativas e privilegiar plantas que, muitas vezes, não pertencem ao lugar em que se encontram.



Além da crítica às noções tradicionais de jardim, aproximamo-nos de um “jardim em movimento”, tal como propõe Gilles Clément (2012), em que o papel do humano não é controlar, mas orientar fluxos vegetais, numa postura aberta aos afetos do lugar e dos encontros. Levantamos a possibilidade de ampliar este conceito para jardins biodiversos, comestíveis, espontâneos, afetivos, desobedientes... Estes que também podem compor uma roça, uma horta, e que inauguram relações outras de territorialidades e pertencimentos. Essas reflexões se fortalecem quando observamos a expansão de hortas urbanas e de projetos comunitários principalmente nas cidades em que vivíamos, Faetusa Tezelli[6] e eu, Curitiba e São Paulo, respectivamente.

Questionamos certa noção de estética na arte, na cidade, nas áreas verdes, avessas às colonialidades dos corpos, imaginários e territórios. Experimentamos a ideia de artista jardineiro e como pode se aproximar com uma espécie de genealogia das relações arte e ecologia, ou arte e natureza[7]. Porém, nós nos percebemos cada vez mais ancoradas em uma perspectiva espacial, que contempla a complexidade da relação com o território, e ecosófica, tal como preconiza Felix Guattari sobre a indissociabilidade entre as dimensões sociais, afetivas e ambientais, sugerida em sua obra *As três ecologias* (1990).

Nesse sentido, identificamos escalas de atuação que partem desde interações diretas com as espécies vegetais, em microescalas, compondo micropoéticas cujo corpo é a escala primeira de referência; o campo escultórico do objeto; a dimensão do lugar; os espaços que se ampliam para a cidade. De modo que elaboramos o que chamamos de CONTEXTOS para organizar uma constelação de trabalhos e proposições artísticas e ativistas, tais como: Corpo cultivado, Escultura cultivada, Jardinagem tática, Paisagismo crítico, Outros espaços, Jardins subjetivos, Jardins imateriais, Projetos[8].

Cada um desses contextos tece aproximações e afinidades entre os projetos artísticos, contempla as escalas e categorias espaciais e evidencia as correlações com a corporalidade, de modo a tornar visíveis as complexidades das ações, poéticas, táticas e estratégias artísticas, a fim de ampliar os entendimentos possíveis de projetos de arte com plantas dimensionando suas potencialidades e especificidades.



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

A pesquisa segue expandindo as ações e mostra-se um campo fértil para curadorias expositivas. Em 2019, realizamos a exposição *Jardinalidades: poéticas sobre natureza, corpo e cidade*[9], ocupando um espaço aberto, como uma praça, no SESC Parque Dom Pedro II, que se localiza entre o Mercado Municipal e a região conhecida como Zona Cerealista, no centro da cidade de São Paulo, nas proximidades do Rio Tamanduateí, na várzea do Carmo.

Para esta exposição, lançamos um olhar atento a este território e uma escuta da história e dos afetos a partir do seu presente, atentas às marcas materiais e imateriais, aos processos de ocupação, aos fluxos e às existências das formas de vida humanas e não humanas que ali habitam e habitaram, buscando compreender o contexto urbano e geográfico. Isso estimulou uma proposição curatorial com obras *site specific*, realizadas a partir do diálogo com o lugar e a articulação de trabalhos de diferentes metodologias e linguagens. Convidamos, também, artistas para ficarem em imersão na unidade e compusemos uma programação integrada, a qual incluiu a participação de convidados, que trouxeram, a seu modo, táticas e poéticas-estéticas-políticas.

Nesta curadoria são problematizadas as jardinalidades em grandes centros urbanos. Uma cidade como São Paulo traz complexidades e multiplicidades, recrudescimento e violências, que configuram um cenário de potência e de risco à produção artística. Por meio de abordagem tática e de desenhos (bio)diversos, a mostra convida à criação de outros olhares, de novos modos de vivenciar a cidade: modos que potencializem corporalidades, temporalidades e espacialidades.

Poéticas vegetais em interação com o território, que propõem leituras sensíveis, paisagismos críticos e táticas poéticas. Pelas jardinalidades transcenderem o jardim, tornou-se um verbo: “jardinalizar”, que significa a ação relacionada às poéticas-políticas para a terra e o território.

Jardinalizar apresenta muitos formatos e métodos de elaboração de jardins, como os criados pelo coletivo Bijari em ônibus, carro, carrinho etc., trazendo à luz a discussão da mobilidade na cidade e quanto o modelo rodoviário impacta a relação com as áreas verdes das cidades e as relações humanas.



Figura 1: BIJARI. **Carro Verde**. 2009-2019. Instalação: carro, plantas e led. (Imagem arquivo Jardinalidades)



Figura 2: GRUPO FORA. **Rocambólides**. 2019. Intervenção urbana: juta, sacos, terra, húmus, areia, cimento, ferro, resíduos sólidos e orgânicos, sementes. (Imagem arquivo Jardinalidades)

O grupo FORA cria jardins inusitados e improváveis com um grande componente de risco, pois não se sabe ao certo o que crescerá e se crescerá algo neste suposto jardim. Os *Rocambólides*, jardim-escultura, têm escala de corpo humano. Feitos com sementes, entulhos, palhas, restos de plantas, tudo enrolado em juta, lembram um corpo abandonado. Com o tempo, surgem os primeiros brotos, até se apresentarem as plantas, girassóis, abóboras, alpistes, as mais variadas espécies, que, aos poucos, são possíveis de discernir. É um trabalho que se realiza no tempo e que convida as pessoas a testemunhar e a cuidar deste jardim em formação; nesse processo, afetos afloram.



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Laura Lydia cartografa as ervas daninhas, estas que possuem muitos nomes como ruderais ou pioneiras, plantas que insistem em nascer no concreto e são, muitas vezes, indesejadas nos jardins. *Ervas sp* é um trabalho que mapeia tais plantas e, a partir do estudo científico e sensível do desenho da planta, torna-a visível no espaço urbano. As ervas daninhas são efêmeras, desobedientes, difíceis de domesticar. Muitas são comestíveis, como as PANCs (plantas alimentícias não convencionais), medicinais, usadas para fins ritualísticos e, ao nos aproximarmos, percebemos suas singularidades, características. É a potência do mato na sua capacidade de resistência e resiliência que propõem outras estéticas botânicas.



Figura 3: LYDIA, Laura. *Gnaphalium microcephalum* | *Ervas sp*. 2015. Registro fotográfico de Intervenção urbana realizada no Minhocão, em São Paulo. (Reprodução)

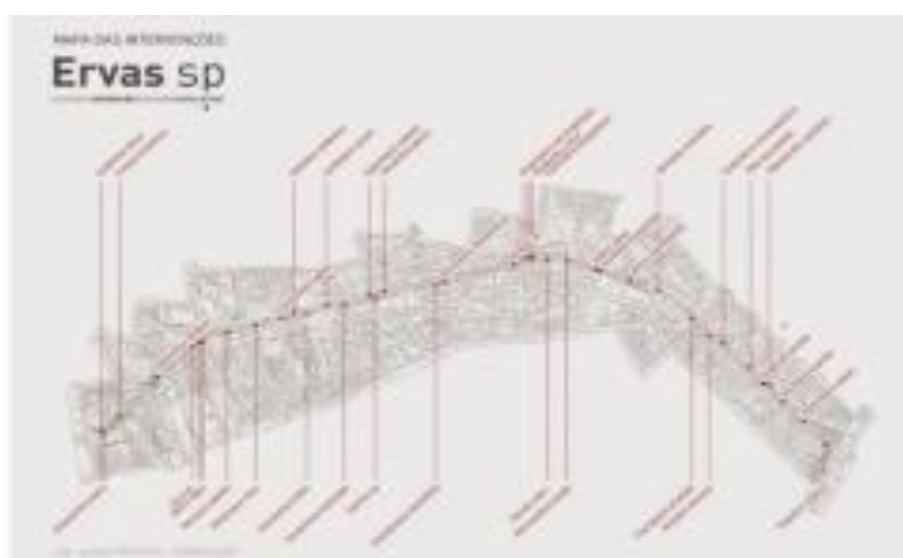


Figura 4: LYDIA, Laura. *Mapa das Intervenções Ervas sp*. | *Minhocão*. 2015. (Reprodução)



Os jardins podem ser imateriais e imaginários. Em *Jardim Parasita*, obra de Teresa Siewerdt (2014), há a fabulação de um jardim em uma construção embargada: um esqueleto de concreto no qual cresce uma vegetação livre. Podemos imaginar tal entropia em que a natureza retorna após o abandono da cidade. Como se trata de jardim, podemos questionar se foi cultivado, mas é parasita. Invertendo a lógica parasitária do capital e do mercado imobiliário, as plantas parasitam o imaginário com um devir planta possível e propõem: "um lugar para sonhar".



Figura 5: SIEWERDT, Teresa. *Jardim Parasita*. 2014. Registro fotográfico de *performance* e intervenção urbana.

Esta não seria uma das funções de um jardim, possibilitar a contemplação da natureza, um espaço de relaxamento, conexão, ócio? Teresa propõe que isso seja possível em meio à cidade. Além da imagem potente de um prédio ocupado pelas plantas, o trabalho também tem uma ação em que a artista contrata pessoas em vulnerabilidade social para um serviço de panfletagem do projeto que o apresenta como um empreendimento imobiliário. Fato que amplia as possibilidades de diálogo com um público passante e torna o trabalho não apenas para ser visto em espaços expositivos, mas para estar vivo no espaço metamórfico da cidade.



Figura 6: GORSKI, Laura. *Sem título*. 2018. Fotografia. (Reprodução)

Na escala do corpo, o corpo-semente de Laura Gorski aproxima a experiência do corpo à paisagem. Laura, que parte da linguagem do desenho para investigar paisagens inventadas e imaginadas, mergulha na floresta em residências artísticas e, dessa interconexão, o corpo-terra se apresenta à paisagem como composição e composto. A radicalidade de pensar o desenho como formas de encontro com espécies... vegetais, humanas, não humanas.

Um terreno preparado para o plantio, cuja semente é o próprio corpo, o desejo de plantar-se, enraizar-se. Um devir semente, devir planta, em seu estado de potência de vida, ainda latente. Laura traz para o sensível este corpo-escultura em potência de ser mata, floresta. Torna ainda mais evidente que a semente é vida em potência de germinar. Semente que cria mundos.

Ela e Teresa realizam uma obra conjunta após uma residência no espaço, que foi chamado de Viveiro. As duas artistas, que se conheceram no contexto da exposição, intencionaram investigar o que era possível brotar em “solo” tão árido, como o da várzea do Tamanduateí, e realizaram uma obra colaborativa, na qual convidavam o público a moldar pequenas cuias para acolher sementes coletadas no entorno. Do corpo-semente a um viveiro-rede, situação de encontro e de fazer brotar coletivamente.



Gustavo Caboco, cujo percurso como artista coincide com o retorno à terra e à etnia wapichana, é de Curitiba. Caboco pinta, grava, borda e planta bananeiras na terra e com o corpo para inverter a lógica das narrativas coloniais. A bananeira torna-se um ente simbólico e de territorialidade do povo wapichana, do qual sua mãe se origina e de cujo território se distancia quando criança. Bananeira que existia em abundância em Canauanim, território wapichana que, após uma peste, quase se extingue. A banana torna-se signo de resistência e do histórico de violência do contato com os não indígenas da região.



Figura 7: CABOCO, Gustavo. **Paisagem ancestral**. 2019. Instalação com mudas de bananeira. (Imagem arquivo Jardinalidades)

Na exposição Jardinalidades, Gustavo propõe jardins de bananeiras no espaço expositivo criando três nichos com 33 mudas de bananas, número mágico, simbólico, dos ritos de retorno à terra. Pois é com esta idade que sua mãe retorna a Canauanim, depois de uma vida distante no sul do país, lugar em que chegou, em sua trajetória, após ser doada para uma família. As bananeiras são, então, jardins de memória do passado de Canauanim, mas também desejo de futuro de reflorestamento, reterritorialização da paisagem.

A obra *Paisagem ancestral* é, portanto, memória e sonho de futuro. Sonho que se torna coletivo quando o artista convida as pessoas a adotar mudas de bananeiras, plantá-las em seus lugares de afetos e cuidar. Torna o público mais que participante: guardião e aliado.



Onde se planta uma muda de banana torna-se um solo wapichana, e ele se expande para o Jaraguá, para o Grajaú, para assentamentos do MST, para as calçadas, para inúmeras casas e quintais. A presença desse ente bananeira é a memória da territorialidade indígena; afinal, uma muda de bananeira instaura uma terra indígena, movimento que torna visível a evidência de que todo o Brasil é um solo indígena para além das fronteiras e territórios coloniais, que confinaram os povos indígenas nos processos de colonização. A obra convida a esta aliança com e pela terra, que honra os povos originários.

Em diálogo com o paisagismo urbano, *Operação Tutoia* constitui um paisagismo crítico em que o artista Fernando Piola utiliza espécies de plantas de cor vermelha para tornar visível uma memória da história recente do Brasil. Com a cor vermelha, pretende denunciar a violência histórica em uma delegacia de polícia que foi *locus* de desaparecimentos e torturas no período da ditadura militar.

Agosto 2007



Fachada lateral do 36º DP<sup>27</sup> e canteiros da fachada do 36º DP<sup>27</sup> da rua Tutoia<sup>2,11</sup>

Dezembro 2007



Maio 2008



#### Operação Tutoia

- 1 Tutoia:** 1.1 Nome de rua localizada no bairro do Paraíso na cidade de São Paulo. 1.2 Termo usado eufemisticamente para designar o **DOI- Codi** durante a **ditadura militar**<sup>3</sup>. Lx.: Vladimir está na Tutoia.
- 2 DOI-Codi:** Destacamento de **Operações**<sup>4</sup> de Informações Centro de **Operações**<sup>4</sup> de Defesa Interna foi um órgão de inteligência e **repressão**<sup>12</sup> durante a **ditadura militar**<sup>3</sup>. (Vide notas 7 e 8)
- 3 Ditadura Militar:** 3.1 Nos governos militares, em particular na gestão do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), houve a censura dos meios de comunicação e o combate e eliminação das guerrilhas, urbana e rural, porque a preservação da ordem pública era condição necessária ao progresso do país. A atuação de grupos subversivos, além de perturbar a ordem pública, vitimou numerosas pessoas, que perderam a vida em assaltos a bancos, ataques a quartéis e postos policiais e em sequestros. 3.2 A história oficial contada aos alunos dos doze colégios militares do país omite a tortura praticada na ditadura e ensina que o golpe ocorrido em 1964 foi uma revolução democrática.  
3.1 FERNANDES, Aldo Demerval R. B.; ANNARUMMA, Neide. *História do Brasil: Império e República*. São Paulo: Editora Biblioteca do Exército, 2001.  
3.2 PINHO, Angela. *Livro do Exército ensina a lavar a ditadura e censura*. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 jun. 2010. Cotidiano, p. C8.
- 4 Operação:** 4.1 Complexo de meios que se combinam para a obtenção de certo resultado. 4.2 Execução de medidas consideradas necessárias para a consecução de um objetivo financeiro, político, militar etc. 4.3 Manobra ou combate militar.  
4 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- 5 Oban:** A **Operação**<sup>4</sup> **Bandeirante**<sup>6</sup> foi um centro integrador das forças que **reprimiam**<sup>12</sup> aqueles que resistiam à **ditadura militar**<sup>3</sup>.
- 6 Bandeirante:** 6.1 Eram os aventureiros que faziam parte das bandeiras, nome inspirado, segundo Anchieta, no costume tupiniquim de levantar uma bandeira como declaração de guerra ou no hábito de levarem as empresas militares mais importantes uma bandeira em cada companhia de soldados. 6.2 Paulista. 6.3 Pioneiro, precursor.  
6.1 PORCHAT, Edith. *Informações sobre São Paulo na Século de sua Fundação*. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 1993. 6.2/3: Vide referência bibliográfica 4



Dezembro 2008



Outubro 2011



10.3

10.2

10.1



10.7

10.6

10.5

10.4



7 **36° DP**: Delegacia de polícia localizada na rua **Tutoia**<sup>11</sup> em São Paulo. Seu edifício abrigou o **DOL-Codi**<sup>12</sup> durante a **ditadura militar**<sup>8</sup> (Vide nota 8)

8 **Violência**: No caso do simples poder coercitivo, a violência punitiva atinge as condutas desviantes que foram determinadas com antecipação e as castiga com intervenções físicas cujo valor é também preestabelecido e medido conforme a gravidade da desobediência. Esse tipo de violência provoca na população um temor racional e permite o cálculo dos custos dos comportamentos de desobediência.

8 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

9 **Operação Tutoia**: Intervenção paisagística realizada pelo artista plástico Fernando Piola. A obra consistiu no plantio paulatino de **espécies de folhagens**<sup>10</sup> exclusivamente **vermelhas**<sup>11</sup> no **36° DP**<sup>7</sup> localizado na rua **Tutoia**<sup>11</sup>, em São Paulo. A implantação deste projeto paisagístico se deu por meio de uma **operação**<sup>9</sup> pautada na transformação gradativa do jardim e na postura do artista em não revelar a natureza de sua ação aos responsáveis pela instituição. Em agosto de 2007, apresentando-se como um agente da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo solicitou autorização para cuidar do jardim daquela delegacia. A permissão se estendeu até maio de 2009 quando o jardim sofreu uma significativa poda feita pelo **36° DP**<sup>7</sup> com o propósito de alenar o monocromatismo do paisagismo implantado. (Vide imagens e nota 12)

10.1/7 10.1: *Acalypha wilkesiana*. 10.2: *Alternanthera dentata*. 10.3: *Cordyline terminalis*. 10.4: *Euphorbia cotinifolia*. 10.5: *Hypoestes phyllostachya*. 10.6: *Iresine herbstii*. 10.7: *Tradescantia zebrina*.

10.1/7 LORENZI, Harri. *Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e tropicais*. 4ª ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2010.

11 **Vermelho**: Símbolo de sangue, luta, morte. Vermelho é a cor da revolução e do comunismo, em que o significado de morte e vida se interpenetram.

11 LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1997.

12 **Repressão**: O sentido geral do termo designa a contenção feita por força externa ou por poder de mente, de alguém ou de algo que ameaça irromper. Os impulsos reprimidos conseguem inevitavelmente encontrar saídas tortuosas sob formas mais ou menos dissimuladas. Algumas foram aceitas culturalmente sob a forma camuflada de folclore, mito, contos de fada, ritual, produção artística etc.

12 SILVA, Benedicto (org). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

O projeto realizado entre 2007 e 2012 parecia uma memória não tão distante no tempo, mas distante em termos de possível realidade social; porém, em poucos anos o tema tornou-se uma aguda urgência. Como esquecer as evidências de violência de corpos e pensamentos? E o ataque à democracia? Como o retorno ao estado de exceção pode ser desejado por uma parte da população?

Na elipse da história, um fantasma se torna real. Um político eleito homenageia no Congresso Nacional um ex-torturador num rito nefasto – um grande golpe à democracia, que foi o *Impeachment* da primeira mulher eleita presidente do Brasil. Tal ato não tem consequências e é pouco levado a sério; porém, o político torna-se presidente e, embora eleito democraticamente, rechaça todo culto democrático e impulsiona a sociedade rumo ao fascismo.



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

O processo de realização do trabalho teve um componente tático, pois o artista não apresenta suas intenções junto à delegacia, mas como um paisagista que pretende cuidar do jardim. De modo que, com uma equipe de jardinagem, ao longo de meses realizou progressivamente o plantio sistemático de plantas de cor vermelha; ao mesmo tempo, podou as plantas de cor verde. Em determinado momento, um jardim vermelho se impõe e, com ele, grande estranhamento. Escolha estética questionável, duvidosa.

Para comunicar o trabalho e todo seu processo, o artista cria um dossiê com imagens das etapas de plantio e poda das espécies de folhagens vermelhas e termos relacionados aos conteúdos que intenta explicitar e relacionar ao trabalho, buscando definições mais objetivas possíveis, como: Tutóia, ditadura militar, DOI CODI... Em conversa recente com o artista, nos indagávamos como seria atualizar este dossiê, já que tantos fatos e evidências históricas têm sido questionados. O Paisagismo crítico e tático de Piola maneja plantas e linguagens para comunicar conteúdos críticos e demonstra a atualidade do tema.

O projeto *Melancolia*, do grupo *thislandyourland*, realizado para a exposição *Jardinalidades*, reúne um grande arquivo imagético com pesquisas iconográficas e registros feitos a partir de expedições à Bahia. Investigam as violências cometidas historicamente e ainda persistentes no território, o modo de produção de alimentos que envolve as plantas, sementes, árvores, pessoas e os solos.



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

O grupo é formado, desde 2010, por Ines Linke e Louise Ganz, artistas que vivem em Salvador e Belo Horizonte, respectivamente. Em seus projetos, há uma complexidade de ações que se desenvolvem no tempo para gerar reflexões e visualidades que provocam pensar outros modos de vida, de ocupação, de usos e acessos à terra. *Melancolia* aborda as paisagens contemporâneas e as violentas intervenções dos modos industriais de produzir e manipular os alimentos, com os usos de agrotóxicos e sementes transgênicas. Desdobram-se os trabalhos como *Genealogia das mangas*, que lista os nomes dos insumos utilizados na agricultura, autorizados pelo governo para manejo das plantas cultivadas. Conhecidos como pesticidas, agrotóxicos, praguicidas ou produtos fitossanitários, a quantidade destes químicos estranhos ao solo evidentemente aumentou nos últimos anos. De modo que o “Equipamento de proteção individual” é justamente o aparato usado pelos trabalhadores rurais que manipulam tais químicos, com forte comprometimento à saúde dos corpos, humanos e não humanos, e corresponde a toda uma cadeia produtiva que compromete a vida e sua diversidade. Já *Genealogia das mangas* mostra a pesquisa sobre os nomes dados às mangas produzidas em laboratório, as patentes, os cruzamentos e características. Frutos modificados na sua gênese, resistentes aos tais pesticidas.

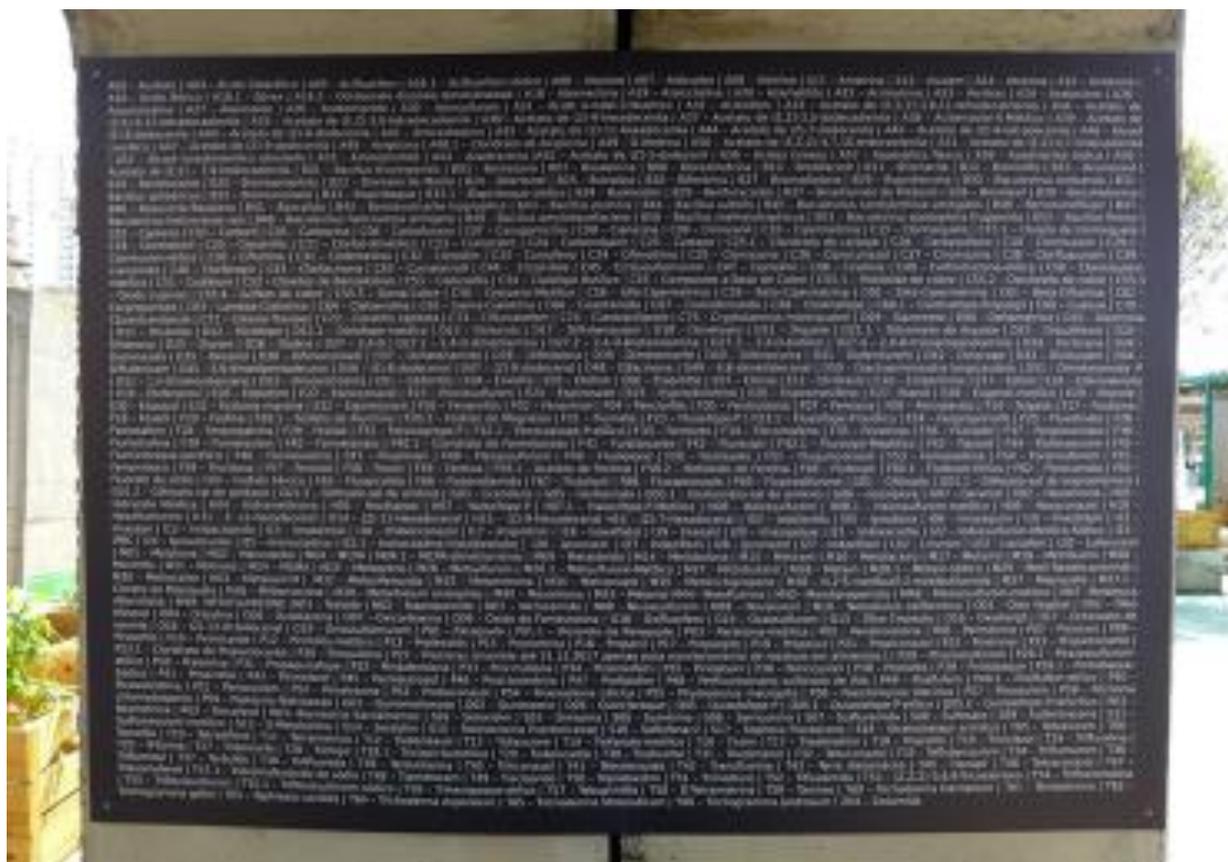


Figura 10: THISLANDYOURLAND. *Melancolia – 517 defensivos químicos*. 2019. (Imagem thislandyourland)



Figura 11: THISLANDYOURLAND. *Melancolia – Equipamento de proteção individual*. 2019. (Imagem arquivo Jardinalidades)



Os procedimentos evidenciados em *Melancholia* denunciam o modo de produção que privilegia a monocultura, que mina a diversidade biológica, e as *plantations*, sistema produtivo de exploração da terra e dos seres vivos, sintomas da lógica colonizadora que ainda predomina sobre os territórios. Além do empobrecimento do solo e da biodiversidade, da dependência de adubos e defensivos químicos, da contaminação do ar, das águas, das pessoas, de animais e espécies vegetais, há toda uma cadeia violenta de adoecimento e morte. Evidências de que a monocultura é danosa material e simbolicamente; afinal, como bem alerta Vandana Shiva (2002), a monocultura como único modo de pensamento, avesso à diversidade, compromete a própria vida.

Além das obras no espaço expositivo, o thislandyourland elabora os livros *Melancholia* e *Presente*[10] construindo narrativas visuais sobre as árvores, em especial a mangueira. O primeiro, por meio de uma viagem pelo território nacional, narra sobre a terra, a maldade e a extinção, e o segundo traz uma afirmação de sábias histórias que reverenciam a potência simbólica, arquetípica e afetiva das mangueiras como signos de abundância e de possibilidade de encontro e do uso comum da terra.



Figura 12: THISLANDYOURLAND. Imagem da publicação *Presente*. 2019. (Reprodução)



Figura 13: CABALLERO, Daniel. **Tamanduateí**. 2019. Desenho impresso sobre lona vinílica. (Imagem arquivo Jardinalidades)

Daniel Caballero, cuja poética remonta à prática investigativa de um naturalista, se debruça sobre a vegetação existente na cidade de São Paulo. Em seu trabalho *Tamanduateí*, fabula sobre a vegetação de várzea e a sinuosidade do rio antes da ocupação colonial. Ao mesmo tempo que pesquisa ilustrações de viajantes, como Debret, imagina suas características e compõe uma imagem-enigma com um ônibus de linha afundando. Vale reparar que a linha tem o nome “Monumento”, e efetivamente existiu nos anos 1950 na cidade.

Na investigação sobre a vegetação ruderal, ele também desenvolve um projeto desde 2015, o *Cerrado Infinito*[11], em que faz o plantio sistemático de espécies do Cerrado, bioma em extinção que constitui uma das vegetações originárias de São Paulo, os chamados Campos de Piratininga. O *Cerrado Infinito* inicia-se em um terreno localizado em uma praça pública, antes abandonada na cidade de São Paulo, mas há experimentos em outros lugares, como em espaços públicos, escolas, e no próprio ateliê do artista. Mais que uma proposta de reflorestamento, é um experimento artístico e social no espaço urbano que convida as pessoas à participação, já que convoca a convivência, ao cultivo e ao cuidado do lugar. Propõe, também, uma experiência estética; afinal, há uma educação do olhar sensível perante este bioma. Ao andar pelo cerrado, vivenciamos sua beleza singular, que, para conhecê-la, são necessários aproximação e tempo para fruição.



Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

O cerrado tem um papel fundamental na manutenção das águas, na nutrição do lençol freático, de modo que não há como pensar em um bioma sem considerar sua relação com as águas. Diante da importância das águas para a existência das espécies vegetais, dos ecossistemas, biomas, e das muitas possibilidades de jardins, a percepção de que a exposição se encontrava em um contexto de várzea se fortalece e torna-se visível com a obra *site specific* do (se)cura humana. O coletivo de São Paulo, formado por Flavio Barollo e Wellington Tibério, investiga os rios e propõe múltiplas ações no espaço urbano que dão visibilidade às águas da cidade. Realizam o que chamam de guerrilha aquática urbana, com ações diretas e desobedientes sobre a cidade. As ações do coletivo são extremamente lúdicas, realizam construções de lagos no meio do concreto a partir da água que brota do lençol freático, criam parques aquáticos com piscinas nas calçadas, ativam bicas com água de nascente, tornam, enfim, visíveis a água como bem comum na cidade.





Revista *ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Figuras 14 e 15: (SE)CURA HUMANA. **Rio Paralelo Tamanduateí**. 2019. Instalação. Tratamento ecológico de água suja, leito em tijolo e cimento, composição com plantas filtrantes. (Imagens (se)cura humana)

Na exposição Jardinalidades, o (se)cura realizou o *Rio Paralelo Tamanduateí*, em que retiraram água do Rio Tamanduateí, este canalizado, poluído e contaminado, e levaram para dentro do espaço expositivo. Criaram uma estação de biotratamento, com carvão, areia, pedras e vegetação de plantas macrófitas filtrantes, gerando um lago com plantas e fauna aquáticas. Uma obra viva que nos mostra como é possível praticar utopias: ver e vivenciar um rio urbano limpo.

Tal proximidade com o rio e a presentificação da várzea mobilizaram dimensões políticas e simbólicas para o projeto, para as curadoras, os artistas, educadores, funcionários do SESC e o público em geral. O rio participa das narrativas históricas de formação e ocupação da cidade, antes uma planície de inundação periódica, com um grande rio meândrico, o chamado Rio Piratininga, que emprestou seu nome à Vila de São Paulo de Piratininga. Este Rio Piratininga, rio do peixe seco (em tupi), que nas vazantes atraía formigas e convidava os tamanduás a se alimentarem na várzea, foi nomeado, posteriormente, Tamanduateí.

O rio como ser vivo, entidade, manancial de vida, histórias e fábulas, tornou-se um problema urbano, uma referência de falta de higiene e risco de doenças. E é importante lembrar que as temidas enchentes de águas pútridas, contaminadas por dejetos humanos e agravadas pelo urbanismo de lógica rodoviarista, são, em essência, "a memória do rio": as águas que buscam ocupar seu lugar esquecido, um fenômeno natural de uma área de várzea.

Intensas e violentas foram as transformações na paisagem e sobre os corpos que a habitaram. Esta paisagem é testemunha de um pensamento sobre a cidade que prevaleceu e desencadeou em um urbanismo que é voltado para os negócios e especulações, para certo padrão estético e moral. Demonstra um modo histórico de trato com a terra e com quem a habita, que visa à exploração, que reconhece a natureza como recurso, seja como incremento ao desenvolvimento, seja como empecilho.



Lugar rico de matéria orgânica, de peixes, de animais, de vida, a várzea é lugar impreciso, movente, tal como as margens do rio, que após cada cheia se modifica. Nas várzeas instalaram-se as primeiras civilizações e cidades, tamanhas abundância das águas e fertilidade do solo para cultivo; várzea como riqueza física e simbólica. De modo que, na exposição, convocamos a várzea como imagem poética. A várzea como lugar desobediente, mutante, transitivo, potente de vida, de criação, multiplicidade, de certo descontrole dos processos, sejam da natureza, sejam da arte[12].

### Jardinalizar (n)o Antropoceno

Diante do Antropoceno, ou como se refere Bruno Latour (2020), diante de Gaia, é preciso uma abordagem do mundo que vá além da dualidade natureza e cultura. Urge o encontro de outros modos de pensar e fabular o futuro, que questione a supremacia do humano sobre as demais formas de vida. Vivemos não apenas uma crise ecológica, mas uma verdadeira mutação da relação com o mundo. E, assim, a necessidade de mudanças efetivas nos modos de pensamento, nos valores e nas práticas.

A arte é um campo de investigação que transcende as disciplinas específicas e pode ativar consciências e imaginários, gerar redes de conhecimento, criação, diálogo e colaboração. E, assim, fabular táticas e ferramentas possíveis com o foco no bem comum.

Neste sentido, é fundamental dar visibilidade a outros modos de vida, vozes e narrativas que apresentam uma lógica diferente da hegemônica, ou como diria Milton Santos (1996), que criam contrarracionalidades. Mostra-se urgente uma atuação efetiva diante da atual conjuntura do Brasil, de recrudescimento social, pandemia e retrocesso político, que coloca em risco as florestas, os povos indígenas, ribeirinhos, tradicionais e a própria vida, com grande impacto a quem está em situação de maior vulnerabilidade social.

As cartografias moventes do projeto Jardinalidades propõem jardins abertos e múltiplos – sejam eles concretos, subjetivos, sejam imaginários. Jardins desobedientes, que desestabilizam a lógica homogeneizante e impositiva, contribuem para a construção de um paisagismo crítico e de um urbanismo avesso aos planejamentos limitantes. Para além da hegemonia do humano, jardinalizar convida a se abrir para a relação com as plantas e com a terra. De modo que Jardinalidades diz respeito às políticas e poéticas da terra e do território. As políticas vegetais são poéticas de (r)existência, poéticas em interação com a terra.



*Revista ClimaCom*, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 23, 2022

Assim como a imagem potente da várzea, as reflexões acerca do jardinalizar fabulam para além das dicotomias as inter-relações entre campo-cidade, natureza-cultura, jardim-roça-floresta. Pensar o jardim como floresta, que remete a imaginar ao que poderia existir em um passado não tão distante, onde hoje é a cidade. Ou, ainda, ao que poderá vir a ser. Conceber a floresta como território de colaborações e relações multiespécies, na qual o humano também participa. Provoca, e sobretudo convida, a construirmos juntos outros imaginários e fabulações que coloquem em prática alguns sonhos. A floresta evoca o passado e o sonhar o futuro, (bio)diversos. A (bio)diversidade desejada que enriquece a vida.

*Recebido em: 15/09/2022*

*Aceito em: 15/10/2022*

### **Bibliografia**

BRITOS, Anai G. Vera. Manifesto de uma erva “daninha”. **Cadernos SELVAGEM** publicação digital. Dantes Editora Biosfera, 2022.

CLÉMENT, Gilles. **El jardín en movimiento**. Trad.: Susana Landrove. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução: Mari Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus Editora, 56 p. 1990.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. Tradução: Maryalua Meyer. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial; São Paulo: Ubu, Coleção Exit, 480 p. 2020.

LEIRIAS, Gabriela; TEZELLI, Faetusa. (ed.) Jardinagem tática e poética. **Revista Abrigo Portátil**, Curitiba: Editora Medusa, n. 7, p. 5-8, 2016. Disponível em: <https://editoramedusa.com.br/revistas/abrigo-portatil/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

LEIRIAS, Gabriela; TEZELLI, Faetusa. **Jardinalidades**: Investigação da jardinagem como prática artística. São Paulo: PROAC/SP, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/jardinalidades/docs/jardinalidades\\_sp\\_2016](https://issuu.com/jardinalidades/docs/jardinalidades_sp_2016). Acesso em: 5 nov. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SHIVA. Vandana. **Monoculturas da mente**. São Paulo: Editora Gaia Ltda, 2002

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1. (Coleção TRANS).



GANZ, Louise. **Imaginários da terra**: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015.

TIBÉRIO, W.; BAROLLO, F. Água e Urbanismo: ações artísticas para uma cidade (im)possível. **Redobra**, Salvador, n. 16, ano 7, p. 57-75, 2022. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br>. Acesso em: 4 nov. 2022.

---

[1] Mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Belas Artes do Paraná (EMBAP-PR). Graduada em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Pesquisadora, educadora e curadora independente. E-mail: gabriela.leirias@gmail.com.

[2] Aqui, a noção de cartografia refere-se tanto à cartografia como disciplina e linguagem, quanto como modos de visualidade de processos psicossociais, proposta por Deleuze e Guattari.

[3] LEIRIAS, Gabriela; TEZELLI, Faetusa. Jardinalidades: jardinagem como prática artística e criação de territorialidades. *ClimaCom – Territórios*, Campinas, ano 3, n. 6, ago. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/jardinalidades-jardinagem-como-pratica-artistica-e-criacao-de-territorialidades/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[4] Ver o projeto Jardinagem: territorialidade, temporalidade e ato político, com coordenação de Faetusa Tezelli, curadoria e mapeamento junto de Gabriela Leirias, pesquisa de Newton Goto. Disponível em: <http://jardinagemterritorialidade.wordpress.com>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[5] Mapeamento Jardinagem territorialidade: trabalhos de arte, ativismo e jardinagem no Brasil. 2016. Disponível em: <https://mapeamentojardinagemterritorialidade.wordpress.com>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[6] Faetusa Tezelli, artista, arquiteta e terapeuta, que coordena a primeira edição do projeto com a temática. Realizamos uma série de co-curadorias em parceria.

[7] Ver pesquisa de Newton Goto e Inês Linke na publicação Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político. Disponível em: <https://jardinagemterritorialidade.wordpress.com/em-pdf-para-download/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[8] Idem 3. No site há a descrição e a conceituação de todos os contextos.

[9] Acesso ao folder da exposição Jardinalidades – Poéticas sobre natureza, corpo e cidade. Disponível em: [https://issuu.com/jardinalidades/docs/folder\\_jardinalidades\\_15x15cm\\_set19\\_bx\\_1\\_](https://issuu.com/jardinalidades/docs/folder_jardinalidades_15x15cm_set19_bx_1_). Acesso em: 14 nov. 2022.

[10] As publicações *Melancolia* e *Presente* do *thislandyourland*, assim como as demais publicações do projeto Jardinalidades, estão disponíveis em: <https://issuu.com/jardinalidades>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[11] Para mais informações acerca do projeto, acessar: <https://www.cerradoinfinito.com.br>. Acesso em: 14 nov. 2022.

[12] Para mais detalhes sobre a exposição ver o DOC Web Encontros Jardinalidades presente neste edição da revista.